

Desenho: um mundo sem legendas

“Desenhar é ver, é trazer ao visível”.

Flávio Ribeiro, artista plástico

“Desenho” é um termo que pode assumir diferentes significados: traço, registro da forma, projeto, meio de expressão. É um ato que percorre os territórios da arte, ciência e técnica; sendo reconhecido de maneiras distintas, em suas formas e conteúdos, por cada indivíduo a partir de suas próprias visões de mundo e experiências;

Na história da arte, o desenho aparece em muitos momentos sob a forma de um estágio preparatório para obras que se concretizariam por meio de outros meios expressivos. O desenho estava aí como um registro do pensar do artista ou do arquiteto, algo que mais tarde se transformaria em pintura, escultura, gravura edificação... O desenho era apenas um local de passagem, um esboço, um apontamento.

Mesmo os artistas viajantes, que participavam de expedições exploratórias (Rugendas, Eckhout, Margareth Mee e outros) tinham no desenho um simples recurso de apontamento, de ilustração. Um espaço que hoje, em pleno século XXI, é ocupado pelas lentes das câmeras fotográficas, de vídeo, etc., que capturam com rapidez o instante e até mesmo o movimento.

Para Edgar Degas, o artista francês da segunda metade do século XIX, “o desenho não é a forma, é a maneira de ver a forma”. Esse pensamento do mestre pós-impressionista nos conduz a um entendimento do desenho como um espaço para pensar, refletir e registrar esse pensamento por meio de recursos gráficos, que podem nos conduzir do traço técnico à obra de arte.

No século XX, o desenho ganha *status* de linguagem autônoma, embora continue representando um espaço para pensar e projetar, mas se liberta dos bastidores da obra, ganhando independência e tornando-se dela o protagonista.

O desenho é a base, o ponto de partida de qualquer trabalho plástico. O mesmo pode ser entendido como uma tradução gráfica de estruturas que encadeiam um pensar denunciando um modo de ver o mundo. Como em qualquer outra linguagem, o desenho dá ao artista a possibilidade de refletir a respeito da matéria, do plano e do espaço.

Ao longo dos séculos o homem elaborou os mais diversos tipos de materiais para o registro de seu pensamento, para deixar sua marca: das terras misturadas com água do homem pré-histórico até as tintas e produtos industrializados oferecidos atualmente pelo mercado, que lhe permitem os mais diversos tipos de recursos para a realização de desenhos e pinturas (grafites, pastéis, lápis, tintas, etc).

Porém independentemente do material utilizado, antes de tudo está o pensamento do artista e a ele se flexionam os materiais: do carvão ao mouse, todos se prestam à tradução de concepções mentais para diferentes linguagens, servindo de ferramentas à criatividade.

Fotografia: a escrita com a luz

“Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração: com o olho que está fechado, olha-se para dentro, com o outro olha-se para fora”.

Henri Cartier-Bresson, fotógrafo francês

Para John Szarkowski, conceituado curador, a fotografia é um espaço demarcado pelas margens do fotograma, que se apresenta ao observador ora como janela, ora como espelho. Algumas vezes a foto é uma janela para o mundo visível, ou seja, um registro emoldurado pelo visor daquilo que se descortina diante dos olhos do fotógrafo; outras vezes apresenta-se como espelho, quando a imagem obtida reflete o espírito de quem a fotografou. Atrevo-me, inclusive, a ir além, sugerindo que **toda fotografia é, a um só tempo, janela e espelho**. A história da fotografia vem reafirmando, através dos fotógrafos que elege como seus mais expressivos representantes, que o domínio da técnica muitas vezes é secundário. O diferencial desses mestres é, não raro, a sua capacidade de produzir uma obra inovadora a partir da afinidade entre o tema escolhido e a sensibilidade do olhar que o registra.

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que em vez de acrescentar suprime elementos. Um texto é constituído por letras que se agregam em palavras, palavras que viram frases e frases que se transformam em parágrafos; uma pintura geralmente parte da tela em branco que vai, pouco a pouco, sendo preenchida por camadas sucessivas de tinta; uma escultura, um projeto arquitetônico, um filme, um site e até mesmo um papo seguem o mesmo percurso: são construídos por adição. A fotografia, ao contrário, é subtrativa. Ao enquadrarmos um determinado assunto, a primeira coisa que fazemos é excluir do quadro a visão periférica; depois, no instante do clique, outra subtração: elegemos um fragmento de tempo e descartamos o antes e o depois, fixando-nos no instante; e, por fim, quando a luz é aprisionada nos grãos do filme ou nos pixels da imagem digital, o que se descarta é a profundidade de um mundo tridimensional, substituída pela noção de perspectiva embutida no plano da imagem fotográfica. A fotografia introduz, pois, uma imagem lapidada em diversos níveis, uma imagem-síntese.

GASTALDONI, Dante. O tempo e os tempos na fotografia.